

FILOSOFIA: UM PRESENTE DE GREGO?

PHILOSOPHY: A GIFT OF GREEK?

Vagner Sassi*

RESUMO

O presente artigo aborda uma possível contribuição da Filosofia para a Psicologia e demais ciências positivas. No declínio da modernidade, quando o afã do consumo e do progresso estende seus domínios, inclusive sobre os meios intelectuais e acadêmicos, o autor sustenta que uma autêntica reflexão filosófica nada, ou muito pouco, tem a acrescentar às investigações positivo-científicas. Por sua natureza radicalmente crítica, a Filosofia antes tira do que acrescenta, questionando a própria possibilidade de uma fundamentação última, dogmática e asseguradora. Esse exercício *desconstrutivo* da Filosofia pode conduzir os cientistas a uma experiência de liberdade que, justamente sem controle e totalmente exposta ao perigo e ao risco, propicia uma abertura criativa às possibilidades presentes na vida, aquém de toda e qualquer positivação e objetivação.

Palavras-chave: Filosofia. Ciências positivas. Desconstrução.

ABSTRACT

This article discusses a possible contribution of philosophy to positive psychology and other sciences. In the decline of modernity, when the desire of consumption and extends its areas of progress including on intellectual and academic, the author argues that a genuine philosophical reflection has little or nothing to add to the positive-scientific investigations. By its nature radically criticism, philosophy strip before adding, questioning the very possibility of an ultimate grounding, dogmatic and reassuring. This year “deconstructive” philosophy may lead scientists to an experience of freedom, precisely because without control and fully exposed to the danger and risk, provides a creative openness to the possibilities present in life itself, short of any positivization and objectification.

Keywords: Philosophy. Science positive. Deconstruction.

* Natural de São Paulo (SP), possui licenciatura em Filosofia pela Universidade São Francisco (1990), licenciatura em Pedagogia pela Universidade Tuiuti do Paraná (1994), mestrado e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Atualmente é professor do Centro Universitário Franciscano do Paraná. Desenvolve pesquisas nas áreas de Fenomenologia e Ética, atuando principalmente nos seguintes temas: história da filosofia, filosofia grega, pensamento contemporâneo, ética e responsabilidade social.

INTRODUÇÃO

A expressão *presente de grego* significa, na maioria das vezes, uma dádiva ou oferta que traz aborrecimento ou prejuízo a quem a recebe. Ela surgiu em decorrência da Guerra de Troia, um conflito que durou dez anos. Os troianos pagaram um alto preço pelo cavalo de madeira que os gregos lhes deixaram como presente às portas da cidade. Tal feito foi imortalizado pelo poeta Homero, há mais de 3 mil anos.

Observa-se, nos tempos atuais, um crescente interesse pela Filosofia. A *produção filosófica* é proporcional à redescoberta, por assim dizer, da *utilidade da Filosofia* nos meios intelectuais e acadêmicos. Mesmo a par disso tudo, o presente artigo insiste em caminhar na contramão. E, se tudo quanto existe se compõe de vesso e avesso, ele insiste na consideração do avesso da História. Tal postura apenas se justifica na aurora de um novo tempo.

Já se tornou lugar comum a afirmação de que se vive, hoje, não tanto em uma época de mudanças, mas em uma mudança de época. Em que consiste, porém, a novidade desta época denominada *Pós-Moderna*? Em que a *contemporaneidade* se diferencia radicalmente da *modernidade*? Dessas questões decorre o grande desafio que se impõe, a saber, o de ser contemporâneo de si mesmo. Segundo Fogel,

O autêntico contemporâneo de si é aquele que é capaz de sair de si, de afastar-se do mundo que lhe é demasiado próximo na medida justa para poder ver-se, situar-se – em vendo o mundo que ele é. É preciso poder fazer isso, conquistar este movimento e esta postura, para ter o direito de se autodenominar um contemporâneo [...]. Hoje diz o presente, e o presente é, talvez, o mais difícil de ser visto na história. Justamente por ser hoje, presente, ou seja, por estar colado à minha cara, próximo demais de mim. Tão próximo que se confunde inteiramente comigo; tão chapado em mim que sou eu mesmo – como o meu próprio nariz ou os meus próprios olhos. Quando me viro, eles viram-se comigo e eu jamais os vejo, ainda que sempre eu esteja contando e jogando com eles... (2009, p. 60).

Somente o exercício desse movimento e dessa postura crítica justifica o presente artigo, escrito a muitas mãos e durante longo tempo. Ao percorrê-lo, com espírito receptivo e desarmado, talvez se torne claro porque a Filosofia compreendida enquanto *presente de grego* pode nos ajudar, e muito, na conquista de nossa própria identidade.

1 O EMPENHO INTELECTUAL

O presente artigo aborda uma possível contribuição da Filosofia para a Psicologia e demais ciências positivas. Disso, decorre, num primeiro momento, que ambos, filósofos e psicólogos, possuem algo em comum, ou seja, se exercitam em um mesmo empenho: científico, intelectual.

A excelência desse empenho, contudo, não se encontra na pós-graduação de seus agentes, nem no teor erudito dos seus resultados, mas no modo como se dispõe a esse trabalho. De fato, uma pessoa pode ter obtido um brilhante resultado em um curso acadêmico universitário e, no entanto, não ter atingido uma qualificação propriamente intelectual.

No declínio da modernidade, observa Nietzsche,

A falta de personalidade vinga-se por toda a parte; uma personalidade enfraquecida, frágil, apagada, que se nega e se renega a si própria deixa de valer seja o que for, sobretudo para a filosofia. O desinteresse não tem algum valor, nem no céu nem na terra; todos os grandes problemas exigem um grande amor, e só os espíritos vigorosos, nítidos e duros, de raiz sólida, são capazes desse grau de amor. Há uma diferença enorme entre o pensador que compromete a personalidade no estudo dos seus problemas, a ponto de fazer deles destino, esforço e a maior felicidade, e aquele que se mantém impessoal, aquele que só sabe apalpa-los, agarra-los com a ponta das antenas de fria curiosidade. Este último não chegará a nada, podemos predizê-lo com toda a certeza: porque admitindo mesmo que se deixem apanhar, os grandes problemas não se deixam reter por rãs e moluscos (1996, p. 225-226).

Sem desmerecer o esforço das rãs e dos moluscos, pode-se identificar a direção para onde apontam as observações de Nietzsche. Um primeiro modo de se dispor ao trabalho intelectual é aquele desinteressado e impessoal. Aprende-se uma ciência em todo o seu conteúdo, teorias e procedimentos, a modo de dominar todo seu funcionamento em vista de resultados, não se preocupando pela verdade racional do sistema em que funciona.

Em termos eruditos, surge o *enciclopedista* capaz de reproduzir uma enorme quantidade de informações. Ou seja, seria o teórico, possuindo explicação para tudo, discorrendo sobre teorias, escolas, autores e obras. Em termos técnicos, surge o *eficiente*, capaz de reproduzir as mais variadas aplicações, ou seja, o prático, que possui solução para tudo, discorrendo sobre métodos e recursos, estratégias e procedimentos.

Esse nível de engajamento intelectual é, hoje, inteiramente insuficiente, porque não forma profissionais, e sim funcionários. Não obstante sua utilidade, permanece impessoal, sem a mínima exposição a riscos e perigos. Instala-se em um ambiente cômodo e seguro, no qual, assim se crê, tudo se encontra sob controle, porque já estão programadas e dominadas todas as suas variantes. Carece, porém, de personalidade justamente pela ausência de responsabilidade.

Um segundo modo de se dispor ao trabalho intelectual é aquele comprometido e pessoal. Não obstante, o domínio de teorias e técnicas se empenha em investigar as pressuposições metódicas, a proveniência dos conceitos fundamentais, a fundamentação das estruturas, o sentido do ser do horizonte de suas constituições.

Emerge, então, o *crítico* que é capaz de ler entre as linhas da funcionalidade outra realidade oculta mais fundamental. Ouvida a partir de sua origem, a própria palavra intelecto aponta para tal disposição. Ela vem do verbo latino *intellego* (-ligo), -exi, -ectum, -ere, que significa compreender, ter evidência, *inteligir*. Já a palavra *intelligo* é composta de *inter* e *lego*, significando literalmente *escolho entre*.

Ora, a ação de escolher é característica de uma personalidade livre. Em termos de liberdade, *entre* não significa *entre isto ou aquilo*, mas uma ação crítico-criativa que se dá nas entrelinhas, no permeio, na lida consigo mesmo e com o mundo. Exercitado nesse modo, o intelectual não é aquele que, porque sabe e controla, tudo domina; mas antes aquele que compreende, acolhe, lê nas entrelinhas. Mais do que raciocina, ele vê.

Essa evidência está no fundamento do que, na aurora da modernidade, se denominou esclarecimento.

Escreve Kant,

Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha, continuam no entanto de bom grado menores durante toda a vida. É tão cômodo ser menor! (1974, p. 100).

Uma pessoa esclarecida não significa, necessariamente, uma pessoa culta e eficiente, mas diz respeito a uma personalidade forte, um espírito vigoroso, um investigador comprometido e capaz, como aponta Nietzsche, do “grande amor exigido pelas grandes questões”. A maioria do intelectual diz de uma excelência que se adquire somente mediante a autonomia da experiência que requer, a cada momento, decisão e coragem.

Em termos acadêmicos, há uma enorme diferença qualitativa entre a disposição do profissional e a disposição do funcionário. A mesma que existe entre o aluno e o professor que despertam para a maioria e aqueles que permanecem menores por toda a vida. E essa distinção não é de caráter moral, em termos de bons ou maus alunos e professores, mas sim de teor ético, isto é, profissionais fortes, interessados e criativos porque são livres.

Em vista da excelência acadêmica e profissional, torna-se urgente, em nossos dias, uma disposição, pessoal e comprometida, para a formação intelectual dos Filósofos, Psicólogos e demais cientistas. As universidades e os centros universitários são, ou deveriam ser, por sua própria natureza de *ensino superior*, espaços privilegiados de cultivo da maioria, isto é, lugares de busca da verdade mediante o exercício da liberdade.

2 O ENGAJAMENTO CIENTÍFICO

Uma das características da modernidade é o advento da ciência moderna, isto é, o modo moderno de saber e conhecer. Esse é radicalmente diferente daquele grego e medieval. O problema em definir esse modo próprio de saber está em que, hoje, existem várias teorias das ciências, de diferentes níveis e procedências. Não obstante, essa variedade de explicações, é possível distinguir duas concepções básicas das ciências.

Uma primeira concepção das ciências, muito presente nos meios acadêmicos, em publicações e até mesmo na mente de muitos cientistas, é uma compreensão usual, ingênua e popularizada. Sua origem está na crença desenvolvida pelo positivismo de que existe apenas uma única forma de cientificidade e de que tudo o que está fora dela ou anterior a ela é subjetivo, relativo ou primitivo.

A ciência é uma forma determinada, estável e constatável de saber, isto é, um conjunto de conhecimentos perenes, verdadeiros, atemporais e imutáveis que apresentam a única medida da cientificidade

de toda e qualquer ciência. A multiplicidade das ciências se dá, então, apenas devido à multiplicação dos objetos da ciência, mas a metodologia científica é sempre a mesma para todas. Segundo essa concepção, o desenvolvimento nos conhecimentos científicos, suas correções e revisões, se dão sempre dentro do horizonte de uma única, bem determinada e estável definição da cientificidade da ciência. Os conhecimentos crescem e evoluem, mas essa mudança nunca chega a atingir o horizonte da cientificidade, que permanece sempre único, supra-histórico e imutável.

A ingenuidade dessa compreensão da ciência reside justamente no fato de que ela recai no dogmatismo, o mesmo combatido pelos positivistas quando em sua disputa contra o conhecimento religioso e a favor de um saber mais crítico, menos dogmático e menos sobrenatural. O próprio avanço das pesquisas científicas vem demonstrando a insensatez de um conceito unilateral da ciência.

As ciências progredem não tanto pelo acúmulo e alargamento de novos dados e novas descobertas, dentro de um único e determinado horizonte de pesquisa, mas antes pela destruição de suas pressuposições e pela crise de seus conceitos fundamentais, para abrir-se a novos horizontes, mais profundos, vastos e originários. É justamente essa nova consciência científica que desmascara o dogmatismo que se infiltra nas ciências.

Compreende-se, então, que, em diferentes ciências reais, devem se formar e ativar cada vez mais diferentes tipos de ciências. As ciências vivem em transformações tanto no todo da sua forma como nas formas das suas particularidades. Os critérios que decidem o que é conhecimento científico e o que não é devem ser examinados cada vez, na medida em que avançam as ciências.

Como existe uma pluralidade de métodos de ciências particulares, como também dentro de uma mesma ciência particular, pode existir uma pluralidade de métodos. Esses diferentes métodos, por sua vez, num confronto mútuo, mantendo cada qual sua diferença, criam uma complementariedade que não é síntese nem mistura, mas uma tensão criativa.

Por fim, cumpre observar que cada ciência permanece em questão desde os seus conceitos fundamentais mais básicos. Mesmo as teorias confirmadamente válidas e *definitivas*, comprovadas por várias ciências, podem e devem ser continuamente reconsideradas, em vista de uma diferenciação e de um aprofundamento mais rigoroso e radical.

Essa nova consciência crítica e engajada é assim descrita por Heidegger:

Ciência é o desvelamento que fundamenta uma região – cada vez fechada em si – do ente ou do ser; desvelamento esse efetuado por causa do próprio caráter do desvelamento. Cada região de objetos tem, à medida do caráter real e da maneira de ser de seus objetos, um modo próprio do possível desvelamento, da demonstração, da fundamentação e da fixação conceptual do conhecimento que assim se constitui (2008, p. 54).

Pode-se denominar tudo que é atual e virtualmente de *ente*. Quando se indica tudo que é atual e virtualmente, o cientista o faz como isso e aquilo e, em assim fixando, entende o *ente* como ser estático, como um *quê* pronto, ali ao alcance das mãos como coisa, *res*, realidade. Nesse sentido, é que se torna possível falar de objetos de investigação científica, fatos, dados que se desvelam formando uma determinada região.

No entanto, etimologicamente, antes de ser substantivo, *ente* é particípio presente ativo do verbo ser. Isso aparece bem claro no latim: *esse* (ser), *ens*, *entis* (sendo). Embora pareça estranho, em vez de *ente*, pode-se dizer com maior precisão para tudo aquilo que é como um *em sendo*. Dessa forma, reconduz a compreensão do *ente* que estava como que presa à fixação como coisa à dinâmica do *em sendo*, o ser passa a ser entendido como verbo, isto é, ato, vigência, presença.

A partir dessa distinção entre *ente* e *ser*, surgem duas modalidades de ciência, a saber, ciências do ente (ciências ônticas) e a ciência do ser (ciência ontológica, a Filosofia).

As ciências ônticas, como já foram abordadas, tematizam cada vez um *ente* prejacente que já está desvelado de certo modo. Tais ciências de um *ente* prejacente, de um *positum*, denominam-se ciências positivas. O seu característico está em que a direção da objetivação daquilo que elas fazem temático se dirige justamente ao *ente*.

A ciência do ser, pelo contrário, necessita fundamentalmente de uma re colocação da mirada dirigida ao ente: do ente ao ser. Disso, se conclui que as ciências positivas são absolutamente diferentes da Filosofia.

3 O QUE É FILOSOFIA?

A ciência não está diante ou em frente à vida, à realidade, mas está nela inserida. E a vida humana pré-científica não é caótica ou desordenada, mas já implica comportamentos e modos do pensar científico.

Costuma-se apresentar o relacionamento das ciências com os entes num esquema que representa diante do cientista o objeto (a realidade, a coisa, o campo, a região, a área, etc.), sobre o qual as ciências empostam a mirada do seu ponto de vista, e cada qual, a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia, capta um aspecto parcial desse objeto. Juntando-se os resultados dessas captações, crê-se ter um conhecimento cada vez mais global.

Ora, esse esquema é uma representação ingênua de um realismo epistemológico caricatural. Isso por que a realidade não está diante do cientista. O cientista, com tudo o que o cerca, tanto por dentro como por fora, já é realidade e sua compreensão. A representação ingênua da realidade como objeto fora e diante do cientista apenas é possível quando se corta, por assim dizer, a relação viva e concreta com a experiência anterior a toda essa operação de pontualização objetivante.

Essa experiência anterior que possibilita, inclusive, a pontualização dualista (eu aqui e a coisa lá como sujeito e objeto) é, em si mesma, uma percepção direta e imediata da realidade que somos nós mesmos como a totalidade do mundo. A concepção ingênua e dogmatizada das ciências, já mencionada anteriormente, confunde essa realidade com mundo primitivo, imerso na obscuridade irracional, ainda caótica e sem consciência.

Contudo, observa Harada,

Esta realidade é a presença e plenitude da totalidade dinâmica da possibilidade da vida, no nosso viver, em sendo, na pregnância da evidência imediata da coisa ela mesma [...], é o espaço aberto da plenitude da possibilidade, que poderíamos chamar de insondável abismo desvelante das possibilidades do ser. Ora, toda ciência se funda e está assentada nesse abismo desvelante que não

é um espaço escancarado e homogêneo, mas implicações de diferentes níveis e dimensões numa contensão, pregnância e dinâmica de possibilidades genéticas infinitamente ricas e pluriformes de ser (2009, p. 78).

Antes de qualquer nomeação, a vida mesma se desvela, e nesse desvelar-se se retrai como abismo próximo do cientista, mais próximo dele do que ele de si mesmo, impregnando tudo o quanto é e tudo o quanto não é. Essa plenitude, dita vida, não deve ser apressadamente representada como um ser supremo transcendente, seja espiritual, mental ou metafísico, mas antes apreendida como um não saber experimentado, ora como abertura clara de evidência, ora como escuridão opaca e impenetrável.

A vida é sempre anterior ao modo como ela, aqui e ali, aparece. Ela não é algo que aparece saindo por de trás ou do fundo de outro algo que ali está ou aparece, mas é uma presença de fundo que tudo impregna e envolve. Essa presença não é uma *outra coisa*. Mas, na precisão da diferença que constitui a sua identidade, ela é *enquanto* é, a saber, no seu ser. Por isso mesmo, dela só podemos conhecer um contato imediato e simples, corpo a corpo, pele a pele, isto é, *em sendo*.

Já se observou que a Filosofia compreende-se propriamente como ciência do ser. O verbo ser, o é captado dinamicamente como *em sendo*, não é ativo nem passivo, não tem conteúdo. No entanto, ele está onipresente em toda parte onde algo é. Ele é presença que não aparece, por não ser algo, mas tudo faz aparecer, qual espaço livre de ressonância e surgimento.

Disso resulta que na Filosofia, propriamente, não se tem conteúdos. Tudo que aparece como conteúdo da Filosofia (explicações, argumentos, termos, conceitos) não é mais do que material do exercício de filosofar, isto é, se empenhar na busca do sentido que se desvela a partir da imensidão abissal do ser. Assim como a vida, a Filosofia é essencialmente movimento.

Por não se delimitar a um determinado saber ou conhecimento, a Filosofia nada tem, nada sabe de antemão, mas a tudo examina, a tudo aborda, sondando o sentido do ser. O sentido do ser não é um conteúdo determinado, mas um desvelar-se do abismo da serenidade do nada, que afeiçoa cada vez mais nossa busca para sabermos cada vez menos, a fim de nos dispormos a melhor ouvir e receber as novas possibilidades de ser, emergentes dessa plenitude abissal.

Escreve Fogel:

Estando em questão a filosofia, está em questão um modo próprio do homem para o qual é preciso que se desperte. Despertar é um modo de se dizer o instaurar-se de uma atitude, o abrir-se de uma disposição para que venhamos a conquistar um modo de ser que já é nosso – e, na verdade, só por isso pode ser conquistado. Filosofia, portanto, não é nenhuma coisa – conteúdo ou continente, valor, doutrina, teoria existente a respeito disso ou daquilo, cultura, de modo geral, mas um modo de ser ou uma dimensão do homem, da vida, que precisa revelar-se para nós e, assim, ganhar vida e corpo, isto é, densidade, espessura, à medida que se faz ação, atividade, ou seja, à medida que se concretiza, se realiza. É preciso despertar, abrir-se para isso e cuidar disso. Como? Fazendo. Fazendo filosofia, filosofando (2009, p. 31).

Nas considerações iniciais do presente artigo, chamou-se atenção para o modo desinteressado e impessoal como, no declínio da modernidade, corre-se o risco de se dispor ao trabalho intelectual. Para um empenho

meramente erudito e técnico, a ciência torna-se mera positividade, ou seja, um valor em si e por si. E, assim, institucionalizando-se nas universidades, nos livros, nos laboratórios, nos centros de pesquisa, o saber, por que sabido demais, nada mais escuta, perdendo a sensibilidade do ler nas entrelinhas, isto é, do intelecto.

De algum modo, nisso se está, desde que isso se dá no fim da modernidade. Colocar de modo claro essa questão como a *questão da nossa época* significa o empenho de tornar-se contemporâneo de si mesmo. Ainda que isso pareça uma banalidade – o tornar-se contemporâneo de si mesmo – é, na verdade, uma difícil tarefa, de rara execução e que, no entanto, é de absoluta premência, uma imposição vital.

4 A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA

Qual, então, a contribuição da Filosofia às ciências positivas? A contribuição da Filosofia é representada, na maioria das vezes, como uma dádiva, isto é, fundamentação positiva do saber das ciências positivas. Fundamentar significa dar um fundamento, uma base, algo seguro como uma laje firme e fixa.

Essa representação da contribuição da Filosofia para com as ciências positivas é, muitas vezes, entendida como se no fundo de toda e qualquer ciência positiva se encontrasse uma Filosofia, dando ao *positum*, ao fundo básico de uma ciência positiva, maior amplitude, profundidade e segurança. Daí se diz que a última fundamentação das ciências se deve fazer na Filosofia. Disso se segue a necessidade de uma Filosofia da Ciência, Filosofia da Educação, Filosofia da História, Filosofia da Matemática, Filosofia da Religião, etc.

Contudo, a Filosofia, no seu ser, não é um saber positivo, nem faz positivamente sua fundamentação. Como já se observou, a Filosofia é uma ciência que não estrutura o seu saber em direção à construção sobre o *positum*, isto é, sobre um fundamento preestabelecido como base de uma sustentação. Em referência ao saber e sistematização das ciências positivas, a Filosofia sonda o sentido do ser recolhido e pressuposto como fundamento e base da construção sistemática e coerente do saber positivo.

Assim, por não ser ciência positiva, a Filosofia não pode contribuir para dar fundamento ou ampliar e aprofundar o fundamento posto das ciências positivas. Mas em que consiste, então, sua contribuição?

Segundo Heidegger,

Certamente um pesquisador bem pode dominar, além da sua ciência positiva, também a fenomenologia e respectivamente seguir seus passos e investigações. O conhecimento filosófico, porém, pode tão somente tornar-se relevante e frutífero para sua ciência positiva, e o é no sentido autêntico, se o pesquisador, dentro da própria problemática – que cresce a partir dessa reflexão positiva sobre os conjuntos ônticos da sua região –, esbarra nos conceitos fundamentais da sua ciência, e quando ali se lhe torna questionável a adequação dos conceitos fundamentais tradicionais ao ente feito por ele temático. Então o pesquisador pode, – a partir das exigências da sua ciência, do horizonte do seu próprio questionar científico, igualmente ao limite de seus conceitos fundamentais, – perguntar de volta pela disposição originária do ser do ente, que ente deve permanecer objeto e tornar-se novo. Os questionamentos que assim crescem, se impelem metodicamente para-além e sobre-si-mesmos, enquanto o que eles questionam é acessível e determinável só ontologicamente (2008, p. 73).

Filosofia tem a ver com a pergunta pela disposição originária do ser do ente. Observou-se anteriormente que a Filosofia não melhora o fundamento das ciências positivas, mas antes sonda o sentido do ser recolhido e pressuposto como fundamento do saber positivo. O que quer dizer sondar o sentido do ser?

Aqui, sentido não quer dizer significação, conceito, representação ou sinal. Refere-se, antes, ao *sentir*, mas *sentir* antes de toda e qualquer objetivação como atos sensoriais, psíquicos, etc. *Sentir* na sua captação ou recepção imediata e simples.

Se assim é, então a Filosofia mais afunda do que fundamenta, mais nadifica do que positiva. Ela afunda todas as compreensões preestabelecidas ou pós-estabelecidas para dentro do reino das evidências dos entes no simples apreender imediato corpo a corpo, pele a pele. Afundar significa ir a pique, perder-se num abismo insondável e inesgotável, sem fundo.

A referência a um *abismo sem fundo* não significa tanto uma negação da base e fundamento a modo de fixação, mas uma indicação de uma plenitude toda própria e simples da qual, na impossibilidade de nomeá-la, dizemos perplexos: Ser, Nada, Vida.

Escreve Harada:

A assim chamada contribuição da filosofia às ciências positivas não consiste, portanto, em embasar as posições das ciências positivas numa posição mais vasta e profunda, visto ser considerada um saber mais profundo e mais fundamentado, mas em reconduzir primeiramente a si mesma, em todas as suas posições, e com isso também as pressuposições das ciências positivas, ao toque da percussão do abismo da possibilidade de ser, que se recolhe à raiz de toda e qualquer posição e pressuposição, como abertura ao não-saber, afinado ao abismo da plenitude insondável e inesgotável do nada ou da possibilidade de ser (2011, p. 163-164).

Somente nesse sentido de redução ou recondução à plenitude da vitalidade originária do sentido do ser é que a Filosofia é crítica de todas as pressuposições e fundamentações das ciências positivas, iniciando nela mesma, enquanto se põe como doutrina, escolas, ideologias, sistemas, etc. Sua contribuição para a construção é antes *desconstrução*, um *cavalo de Troia* que, bem compreendido, pode provocar um grande bem.

REFERÊNCIAS

FOGEL, Gilvan. **Que é filosofia? Filosofia como exercício de finitude**. Aparecida (SP): Idéias e Letras, 2009.

HARADA, Hermógenes. **De estudo, anotações obsoletas**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. Introdução à leitura espiritual, hoje. **Scintilla – Revista de filosofia e mística medieval**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 149-164, jan./jun. 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Marcas do caminho**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.